

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

GABRIELA DOS SANTOS ALMEIDA

**A ESTRUTURA DA ESCOLA COMO MECANISMO PARA INCLUSÃO DE
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA - CADEIRANTES EM UMA ESCOLA DO
CAMPO**

PARINTINS-AM

2022

GABRIELA DOS SANTOS ALMEIDA

**A ESTRUTURA DA ESCOLA COMO MECANISMO PARA INCLUSÃO DE
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA – CADEIRANTES EM UMA ESCOLA DO
CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia, pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência para
obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.
Orientador (a): Professora Dr^a Georgina Terezinha
Brito de Vasconcelos.

PARINTINS-AM

2022

GABRIELA DOS SANTOS ALMEIDA

**A ESTRUTURA DA ESCOLA COMO MECANISMO PARA INCLUSÃO DE
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA - CADEIRANTES EM UMA ESCOLA DO
CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia, pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência para
obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.
Orientador (a): Professora Dr^a Georgina Terezinha
Brito de Vasconcelos.

Aprovado em: 30/05/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof.a Dra. Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos
Presidente

Universidade do Estado do Amazonas



Profa. Msc. Francisca Keila Freitas Amoedo
Membro

Universidade do Estado do Amazonas



Profa. Esp. Elenice Maria Farias Mourão

Membro

Universidade do Estado do Amazonas

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Ilma Assis e Nathan Brigido Almeida, aos meus irmãos Anne Gabrielly e Gabriel Almeida, as minhas amigas Danielle Albuquerque, Rinnara Yoshii, e aos meus colegas de aula Arthur Junior, Giovanne Ribeiro e Victor Barros que me ajudaram e contribuíram neste momento da minha vida, da qual fizeram parte de cada degrau que construir até aqui, diante dessa pesquisa, a eles toda minha gratidão.

AGRADECIMENTO

É com imenso prazer que agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado discernimento e sabedoria e me feito chegar até aqui, aos meus pais, pelo apoio e contribuição, aos meus amigos por cada momento que estavam lá quando precisei, e a minha orientadora professora Dr^a Georgina, por sua paciência, dedicação, e atenção diante meu trabalho de conclusão. Aos professores, Agdo, Simone, que tiveram uma grande contribuição em minha carreira universitária ao me ajudar nos obstáculos diários em meio ao meu percurso acadêmico.

As necessidades sociais, a opinião pública o interesse governamental, local e central, deverão despertar para prioridades que permitam materializar, em termo legais, a aceitação, a compreensão, a educação e a reabilitação de seres humanos diferentes, e com necessidades especiais.

(VITOR DA FONSECA, 1995)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Questionário de perguntas	334
Quadro 2. Respostas do roteiro de perguntas	356
Quadro 3. Questionário destinado aos professores	Erro! Indicador não definido. 8

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Grafico demonstrativo	37
Figura 2. Ambiente interno	41
Figura 3. Ambiente Interno.....	41
Figura 4. Ambiente externo.....	412
Figura 5. Ambiente externo.....	412

SIGLAS

(LDB): Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

(NEE): Necessidades Educacionais Especiais

(PPP): Projeto Político Pedagógico

(P): Professor(a)

(RG): Respostas Gestora

(SAAE): Serviço Autônomo de Água e Esgoto-Parintins

(TDAH): Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade

O presente estudo que tem como tema “A estrutura da escola como mecanismo para inclusão de alunos com deficiência física – cadeirantes em uma escola do campo” trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso -TCC, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, do Curso de Graduação em Pedagogia. Teve como objetivo investigar se uma escola localizada em comunidade rural na cidade de Parintins, está preparada estruturalmente, para atender as necessidades educacionais especiais dos alunos cadeirantes. Para fundamentação e aporte teórico-metodológico estudo está apoiado em autores como: MAZOTTA (2003), FONSECA (1995); FREIRE (2008), entre outros autores que corroboram com a tema, e assim adentrarmos na temática, com maior autonomia considerando pesquisas anteriores realizadas, pautadas nas políticas de inclusão, na questão da estrutura física da escola e da acessibilidade. A metodologia utilizada para obtenção de dados recebeu um viés qualitativo por meio da pesquisa qualitativa, com bases bibliográficas, tendo na abordagem fenomenológica seu principal aporte metodológico. Esperamos que nossas análises e resultados possam contribuir para que as escolas que apresentem essa problemática saibam o que esperar das autoridades competentes, no sentido de estruturar a escola, para que a mesma possa atender as necessidades educacionais especiais, dos alunos deficientes que dela fazem parte, principalmente ao que concerne aos alunos cadeirantes foco principal desta pesquisa.

Palavras-chave: Estrutura escolar. Inclusão. Cadeirante. Necessidades Educacionais Especiais.

ABSTRACT

The present study, entitled, aimed to investigate whether a school located in a rural community in the city of Parintins is structurally prepared to meet the special educational needs of students: MAZOTTA (2003), FONSECA (1995);FREIRE (2008), among other authors who gave theoretical support to the research and allowed us to enter the theme with greater autonomy considering previous research carried out, based on inclusion policies, on the issue of the physical structure of the school and accessibility. The methodology used to obtain data received a qualitative bias through qualitative research, with bibliographic bases, having the phenomenological approach as its main methodological contribution, through questionnaires, semi-structured interviews and observations. The result of this research can contribute so that schools and the school community as a whole know what to expect from the competent authorities, in the sense of structuring the school, so that it can meet the special educational needs of the disabled students who are part of it. , especially with regard to wheelchair users, the main focus of this research. Thus, it is extremely important to understand the struggle of school institutions located mainly in rural areas and reflect on the difficulties faced by these schools located in rural communities, such as the school that served as the field for this investigation, and contribute to guaranteeing a qualified education. for the children.

Keywords:: School structure. Accessibility. Special Educational Needs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	134
1.1 Estrutura escolar acessível: considerações iniciais	134
1.2 Acessibilidade/inclusão	156
1.3 Necessidades educacionais especiais – Atendimento escolar	189
1.4 Interação necessária – Professor/aluno	201
2. CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	213
2.1 Contexto da pesquisa:	213
2.2 Lócus da pesquisa	223
2.3 Métodos de pesquisa	224
2.4 Técnicas de coletas de dados	235
Sujeitos da pesquisa	246
3. CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS, ANÁLISE E/OU DISCUSSÃO DOS MESMOS:	257
3.1 Caracterização do campo da pesquisa	267
3.2 Adaptação /crianças cadeirantes	277
4. ANÁLISE/DISCUSSÃO	Erro! Indicador não definido.9
4.1 Entrevista: Gestora	289
4.2 Questionário/Gestora	34
4.3 Grupo focal/ Professores	355
4.4 Primeiro momento/ roteiro de perguntas	356
4.5 Segundo momento: questionário	378
6. IMAGENS DA ESCOLA	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	423
REFERÊNCIAS	456

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa vem abordar a realidade de uma escola em uma comunidade rural do município de Parintins diante das dificuldades de acessibilidade em decorrência da estrutura arquitetônica e educacional, para trabalhar a inclusão de crianças cadeirantes, o trabalho foi realizado em uma escola com classes multisseriada.

O público alvo desta pesquisa, são os alunos cadeirantes, que enfrentaram e enfrentam vários obstáculos diante a estrutura da escola, interferindo no processo ensino aprendizagem deles. Através desta pesquisa foi investigado se a escola que atende um pequeno número de crianças, está acessível, para atender e oferecer uma educação que oportunize o acesso físico e educacional . A Inclusão nos dias de hoje tem várias formas de ser interpretada, dentro dessa perspectiva devemos ter como princípio o respeito, que deve ser cultivado, incentivado e constantemente renovado dentro de uma escola, para poder facilitar o convívio entre todas as partes, diminuir conflitos, evitar situações de *bullying*, preconceito entre outras questões.

foi possível observar a dificuldade enfrentada pelas comunidades rurais ao lidarem com educandos com necessidades educacionais/especiais. Visto que a falta de estrutura interfere no processo de ensino e aprendizagem de crianças que necessitam de uma educação com um olhar mais sensível, o qual não é sempre possível pela falta de estrutura escolar no contexto rural. Muitas vezes a inclusão na visão geral é tratada de uma maneira seletiva em determinadas áreas. Não há consenso, diante da legislação para uma adaptação curricular dentro da estrutura escolar, que contribua com os diferentes tipos de aprendizagem dos alunos que possui deficiência física que estudam em escolas de áreas rurais. De acordo com Lei nº 9.394 – Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) A educação especial, assegura o atendimento aos educandos com necessidades especiais e estabelece critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial para fins de apoio técnico e financeiro pelo poder público.

Partindo do contexto apontado o trabalho de conclusão de curso que nos propomos apresentar surge em razão das inquietações diante do interesse pela temática: A Estrutura da Escola como Mecanismo de Inclusão para Crianças com Necessidades Educacionais Especiais em uma Escola da Rede Pública Municipal, temática esta que toma forma a partir do questionamento: Como a escola se estrutura para trabalhar com a inclusão de crianças com necessidades especiais em turmas multisseriada em uma escola de comunidade rural na cidade

de Parintins? Esse questionamento nos levou as seguintes inquietações: A escola está preparada estruturalmente para atender as crianças com necessidades educacionais especiais? Quais as dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos com relação a estrutura da escola no processo de inclusão? Que dificuldades os alunos cadeirantes enfrentam no processo ensino aprendizagem diante a atual estrutura escolar?

A problemática nos remeteu ao objetivo geral da pesquisa que foi: Investigar se uma escola localizada em comunidade rural na cidade de Parintins, está preparada estruturalmente, para atender as necessidades educacionais especiais dos alunos, traçamos como objetivos específicos: Mapear as dificuldade enfrentada pelos professores/alunos na inclusão de crianças com necessidade educacionais especiais; Averiguar como a escola atende as crianças com necessidades educacionais especiais diante a atual estrutura escolar; Analisar como essa falta de estrutura escolar no processo de inclusão, interfere no ensino de aprendizagem das crianças que estudam na escola na zona rural .

O interesse em pesquisar o tema surge a partir de experiências em sala de aula na Disciplina Estágio e atividades realizadas com projetos, realizados em algumas escolas rurais, em que a problemática nos inquietou. Assim sendo, buscamos por meio de estudos bibliográfico, e aportes teóricos-metodológicos tendo a fenomenologia como o principal caminho para a busca dos resultados visando alcançar o objetivo principal deste estudo. Somado a este interesse investigativo, busca-se aqui meios para refletir sobre as questões da acessibilidade e inclusão tendo a estrutura da escola como principal mecanismo para esse fim. Assim estabelecemos como contexto de pesquisa uma escola municipal localizada em uma zona rural na cidade de Parintins, com ensino multisseriado e alunos cadeirantes. Desta forma, o presente trabalho está estruturado em III Capítulos. No I Capítulo apresenta-se o Referencial Teórico onde são abordados os principais conceitos acerca do tema. Cada seção é, na verdade, um diálogo com os autores para aprofundamento das temáticas inclusão, acessibilidades e estrutura da escola.

O **Capítulo II, Percurso Metodológico**, traz detalhes sobre a metodologia, particularmente sobre o método utilizado para abordar o objeto de estudo, a forma como nos aproximamos do contexto e dos sujeitos, além do detalhamento acerca dos procedimentos e instrumentos utilizados. No **Capítulo III, Análise dos resultados**, aqui apresentamos as nossas reflexões entrecruzadas com o que dizem os teóricos sobre o tema, trata-se de um “entrecruzar” de informações sobre a estrutura escolar como mecanismo de inclusão, as perspectivas teóricas que as fundamentam e nosso olhar.

1. CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Estrutura escolar acessível: considerações iniciais

A estrutura escolar é o núcleo principal para o desenvolvimento da educação, envolve tanto o espaço físico da escola, como salas adaptadas, quadra de esportes, bibliotecas, refeitório, pátio/área de lazer, quanto também os recursos como materiais didáticos, e de saúde. É de suma importância e necessidade que no âmbito escolar haja recursos adequados para atender crianças com quaisquer tipos de limitações físicas e mentais. O espaço físico escolar é onde as crianças aprendem, e deve estar em boas condições, tendo como objetivo desenvolver uma educação qualificada no processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Não é suficiente a escola dispor somente de bons profissionais como professores e coordenadores, é preciso ter recursos adequados e que são necessários para os alunos que ali frequentam, deve ser um espaço bem estruturado para favorecer um ensino e aprendizagem de qualidade. Para Mazzota (2003, pg.4) A defesa da cidadania e do direito à educação das pessoas portadoras de alguma deficiência, é atitude muito recente em nossa sociedade.

A partir dessa compreensão, esta pesquisa traz a realidade das escolas em comunidade rurais na cidade de Parintins, no processo de inclusão de crianças cadeirante diante as dificuldades enfrentadas pela falta de estrutura escolar, e que serão evidenciadas nesse estudo. Muitas escolas nessas áreas encontram-se em situação precária ainda nos dias de hoje, as salas de aula com carteiras inadequadas, não há biblioteca, muito menos laboratórios, muitas vezes sem acesso à internet e luz elétrica e até mesmo em alguns casos sem saneamento básico. Com isso entendemos que uma estrutura escolar de qualidade contribui diretamente a melhoria do ensino e aprendizagem.

De acordo com o estudo realizado no ano 2011 pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, os estudantes que frequentam escolas que há uma estrutura de qualidade, obtém melhores pontuações, diferente dos alunos que estudam em escolas com condições mais precárias. Diante deste estudo foi identificado que uma escola é considerada com estrutura de qualidade quando há a presença de laboratórios, bibliotecas, salas de artes e/ou brinquedoteca, e pátio de lazer. Com isso, ficou evidente que estes espaços faz toda a diferença no desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos educandos. De acordo com Cardoso (1998, pag. 42):

A construção de espaços adequados para o ensino, bem como a definição de tempos de aprendizagem, estava relacionada não apenas à possibilidade de a escola vir a cumprir as funções sociais que lhe foram crescentemente delegadas, mas, também, à produção da singularidade da instituição escolar e da cultura que lhe é própria.

Trazendo para a realidade de escolas em comunidades rurais, e visando oferecer aos alunos um ambiente escolar estruturado, devemos colocar em questão a realidade da comunidade em que essa escola se encontra. Muitas vezes a escola trabalha em torno da cultura local e se adapta aos recursos existentes na comunidade. Conectado ao tradicionalismo, a escola junto da comunidade, acaba se acomodando e adaptando-se a uma estrutura básica sem direitos.

Saber a importância de ter uma quadra de esportes, biblioteca, laboratórios, recursos tecnológicos nas escolas, é compreender que estes ambientes podem ser fundamentais para o processo de inclusão social, assim como contribuem para a acessibilidade dos alunos que necessitam de outras formas para o processo de aprendizagem atividades diferentes se tornam mais interessantes e estimulantes para as crianças, e que o contato frequente traz experiências práticas, contudo enriquecem o aprendizado.

A escola deve oferecer possibilidades além do tradicionalismo, os alunos precisam e tem maior interesse em passar mais tempo no âmbito escolar quando proporcionam a eles criatividade nas atividades acadêmicas desenvolvidas nas aulas. As atividades práticas e de lazer, tem como objetivo favorecer a relação, professor/alunos, e também aluno/aluno, pois além de estimular à criatividade elas promovem a curiosidade e autonomia das crianças que ali fazem parte. É visível as dificuldades enfrentadas pelas escolas em comunidades rurais para oferecer essa estrutura de qualidade para as crianças com deficiência física e a luta no processo de adaptação de alunos com deficiência física, tendo em vista que os mesmos compartilham de salas multisseriadas tornando assim, dificultoso em fazê-los aprender de forma prática e despertando seus interesses nos assuntos educativos.

Propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso do avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas. (IDEM, IBID, p. 25)

A busca para melhorar o desempenho educacional começa pela estrutura escolar, e em uma área rural, o desafio é bem maior, pois a distância dificulta o processo, não só em fornecer uma educação de qualidade diante a realidade da comunidade, mas do material didático em si,

a partir disso podemos entender como se faz necessário o uso de laboratórios, recursos tecnológicos, para uma formação integral. Ou até mesmo área de laser para trabalhar diferentes dinâmicas com as crianças, o importante é buscar a interatividade escola/comunidade, professor/aluno. De acordo com Vitor (1995, pag.7) o direito a igualdade de oportunidades educacionais é o resultado de uma luta histórica, dos “militantes” de direitos humanos, luta que implica a obrigatoriedade de o Estado garantir gratuitamente unidades de ensino e qualidade para todas as crianças.

É comum ouvirmos ainda nos dias de hoje, notícias em jornais e rede sociais de escolas que estão desmoronando, e que não há estrutura escolar de qualidade para receber a todas as crianças que tem ou não alguma necessidade educacional especial, alunos esses que buscam o mesmo direito que todos, aprender. Muitas vezes essas mesmas escolas contem excelentes profissionais dedicados, porém não conseguem exercer sua função, pela falta de uma estrutura escolar adaptável a todas os educandos. Devemos compreender que o conceito de estrutura escolar vai muito além dos itens básicos, como fornecimento de água, energia, banheiros, cozinha, serviços gerais como, limpezas das salas de aulas, mobílias aos alunos com necessidades educacionais especiais ou não, e pátios.

1.2 Acessibilidade/inclusão

Acessibilidade é o elemento principal para haver inclusão nas escolas, é a qualidade do que é acessível, contudo, é aquilo que pode ter um da acesso a todos sem restrição. Para Freire (2008) a inclusão, enquanto vista como intuito flexível para respostas educativa, e de modo que forneça uma educação básica de qualidade a todos os educandos, tem sido apontada como uma solução para o problema da exclusão e segregação educacional.

As escolas que estão localizada em área rural, tem o dobro de preocupação diante a estrutura escolar. Ela está intensamente ligada a necessidade de haver condições às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. O papel da acessibilidade é a possibilidade de acessar um lugar, garantir um serviço, de maneira segura e autônoma, sem nenhum tipo de obstáculo, restrição e segregação. Podendo beneficiar a todos os educandos e/ou educadores, com ou sem deficiência, em todas as fases da vida.

“[...] A educação inclusiva é modalidade de ensino que se caracteriza por um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos educandos que apresentem

necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das crianças e jovens”. (MAZZOTA, 1996, p.11).

Colocando em questão a realidade das escolas localizadas em áreas rurais, se compreende o quanto é preciso contribuirmos com o direito de todas as crianças que ali estudam, para obter acessibilidade e garantir um ensino e aprendizagem de qualidade, permitindo oferecer a todos, diferentes oportunidades, independentemente de sua capacidade e/ou circunstâncias. A partir desta pesquisa na comunidade rural na cidade de Parintins, pôde-se identificar a necessidade de estudarmos formas que haja a efetivação da inclusão, especialmente nas escolas situada em comunidades rurais, pois as escolas em si devem providenciar recursos, para garantir uma educação qualificada a todos.

Entendemos assim que cabe a gestão administrativa, tanto estadual quanto municipal buscar meios de garantir sua estrutura escolar de qualidade, pois é direito da escola e dos alunos ter apoio estrutural na rede de ensino, para assim ter sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Se as escolas de áreas rurais não podem contar com acessibilidade, as consequências afetarão a todos, porém os educandos com necessidade educacionais especiais são mais desfavorecidos, mas isso não significa que a escola não está apta a receber tais alunos.

Outros fatores relacionados ao processo de inclusão e acessibilidade tanto na estrutura física quanto educacional, depende das metodologias do âmbito escolar os quais iniciam com a formação de professores para atender os alunos com mobilidade reduzida, cadeirantes e com dificuldades na aprendizagem. Com isso compreende-se a importância de haver reuniões periódicas com toda comunidade escolar e pais, com certa frequência em busca do desenvolvimento coletivo para as constantes mudanças educacionais e adaptações de acessibilidade que as crianças precisam. O objetivo é compreender e desenvolver meios que auxiliem as necessidades dos alunos, a educação em si tem como princípio a responsabilidade e compromisso com todos os cidadãos, então deve ser praticada.

A partir desta pesquisa pôde-se notar como a falta de acessibilidade/inclusão nas áreas rurais na cidade de Parintins afeta a todos que ali fazem parte, e principalmente na escola que serviu de locus para esta pesquisa, as crianças com necessidade educacionais especiais sofrem com essa falta de acessibilidade, a escola não possui uma estrutura básica da qual fornece acessibilidade. Por ser uma cidade pequena, e ter uma população pequena, as escolas

compartilham na sua maioria das vezes, de duas a três sala, e são multisseriadas. Já as áreas urbanas como o centro da cidade, as escolas têm mais oportunidade de acessibilidade para os educandos. Para ensinar alunos com e sem deficiência, nas escolas de áreas rurais, é necessário que os professores se especializem, para conseguir atender as necessidades básica dessas crianças. E principalmente anule quaisquer preconceitos que o faça desacreditar da capacidade de seus alunos, e jamais subestimar a inteligência de cada um por suas condições físicas e limitações mentais.

Organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender às necessidades educacionais de todos os alunos. A acessibilidade deve ser assegurada mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas, na edificação – incluindo instalações, equipamentos e mobiliários e nos transportes escolares, bem como as barreiras nas comunicações e informações. (BRASIL, 2008, p.12).

É preciso pontuar a necessidade que as escolas e o corpo docente têm em seu todo, para o preparo e qualificação do processo em educar, diante a valorização do aluno em sala de aula sem qualquer restrição. Quando falamos de inclusão, devemos estar preparados para inserir novos paradigmas no decorrer dos anos, por ter sempre uma inovação dentro desde seguimento. A demanda de esforço não se mede diante a gestão escolar, e deve estar em atualização constante para reestruturação do ensino. A utilização de recursos didáticos, como também os espaços de acessibilidade e os métodos diferenciados inclui professores e os alunos.

Sabemos que a educação nas escolas de comunidades rurais no Brasil, ainda tem muito a se desenvolver. A ausência de políticas educacionais voltadas para um ensino e aprendizagem de qualidade, traz a desvalorização de cidadão que vivem nessas áreas, estabelecendo uma vida limitada de conhecimento, e também prejudicando seu futuro, como grandes profissionais. Podemos observar que os alunos que frequentam as escolas dessas comunidades, costumam morar nas redondezas do lugar, em pequenos “bairros”. Muitos desconhecem da acessibilidade que é de seu direito, com isso é importante mencionar que as escolas rurais muitas vezes têm dificuldade em cumprir seu objetivo de formação por problemas estruturais. As faltas de professores e de alunos no dia a dia por questões climáticas do local, nessas áreas um índice maior é de chuva, trazendo as “cheias” que dificultam o percurso de suas casas até a escola. (Piletti, 2004, p, 95) [...] é preciso que haja uma aproximação da escola com a comunidade e o

primeiro passo para a interação positiva entre escola e a comunidade é, sem dúvida, o conhecimento da própria comunidade por parte da Escola.

Uma das questões positiva dentro desse estudo, relacionada as instituições de comunidades rurais é adequação dos conteúdos com às diversas realidades cultural. O currículo de uma escola na área rural não é igual ao de uma escola em áreas urbana, porque os alunos vêm de origens muito diferentes e enfrentam situações e cotidiano diferentes. Ser um educador do “campo rural” é encarar o desafio do dia a dia e fazer valer o direito ao ensino e aprendizagem. Abrindo oportunidades de conhecimento pessoal e profissional, atendendo assim as especificidades da sociedade nas áreas rurais e o seu direito à educação de qualidade. É de suma importância a relação professor/aluno nessa questão, para trabalhar a realidade da criança e da cultura local, em cima do objetivo de qualificar os alunos.

1.3 Necessidades educacionais especiais – Atendimento escolar

Precisamos antes de tudo compreender o que classifica as necessidades educacionais especiais. Segundo Borges (2006, pág. 54), a NEE é aplicada a todas aquelas crianças, jovens ou adultos cujas se originam em função de deficiências física e/ou dificuldades de aprendizagem. A partir disso, entendemos que os educandos que apresentam elevada dificuldades em aprender, não sendo necessariamente deficiente físico, são classificados de NEE. Sendo assim, a investigação dessa pesquisa trouxe detalhes diante os alunos que obtém limitações físicas e passam a ser classificados de tal forma por muitas vezes não aceitar sua debilidade, sofrer pressão psicológica pessoal, e também o *bullying* comprometendo seu ensino e aprendizagem dentro do âmbito escolar.

Está pesquisa mostra a realidade de alunos cadeirantes em uma escola localizada em área rural na cidade de Parintins. Onde pôde-se perceber que o processo de adaptação dos alunos começa pela estrutura da escola da qual muitas vezes por não ter acessibilidade, faz com que os mesmos dependam de terceiros para entrar até mesmo na sala de aula. Contudo muitos desses alunos se sentem constrangidos e se acanham na hora da dificuldade para compreender os assuntos passado pelos tutores.

É de suma importância que a escola esteja preparada para lidar com a dificuldades dos mesmos. Trabalhando em torno disso para buscar tratamento adequado e uma melhor adaptação na sala de aula diante dos conteúdos a serem apreendidos, pois muitas dessas atividades poderão mudar radicalmente a vida escolar das crianças, bem como o seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo e até sua vida afetiva devida ao aumento de sua autoestima com os bons resultados

de seus estudos. De acordo com a Lei Nº 13.146, 2015, Art. 27 – Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB):

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistemas educacionais inclusivos em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo de desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

O conceito de necessidades educacionais especiais foi adotado a partir da declaração de Salamanca (1994), da qual passou a abranger todas as crianças e jovens cujas necessidades envolvam deficiências ou dificuldades de ensino e aprendizagem. Acredita-se que os olhares educacionais estão voltados a atenção à diversidade da comunidade escolar, sendo rural ou urbana. E baseiam-se em ações que se comprometa a realizar adaptações curriculares que possa atender a necessidades particulares de aprendizagem de cada aluno.

Contudo podemos compreender que a classificação de NEE, sonda muitas vezes o tradicionalismo educacional em segregar o nível intelectual das crianças. Por essa questão torna-se importante compreender o papel do professor ao lidar com crianças cuja são classificados com necessidades educacionais especiais. A escola por sua vez deve estar comprometida nessa perspectiva, em busca de consolidar o respeito às diferenças, e descartar a desigualdade. Podendo e devendo ser fatores de enriquecimento das crianças com necessidades educacionais, são e podem ser identificadas em diversos fatores que representam a dificuldade de aprendizagem, como decorrência de condições individuais, econômicas ou socioculturais dos educandos. Para Januzzi (1992, p. 21), geralmente as chamadas classes especiais têm sido ocupadas pelas crianças de camadas mais desfavorecidas, atestando assim muito mais a diferença cultural ou até muitas vezes dificuldades provenientes da própria ineficiência da escola.

Compreende-se que o conceito de NEE, geralmente inclui crianças que não obtém condições físicas, intelectuais, sociais, como também emocionais e sensoriais, portanto, dentro dessa perspectiva as crianças trabalhadoras ou que vivem nas ruas, crianças que fazem parte de uma população distante, em campo e áreas rurais, e crianças de minorias linguísticas, que não são favorecidas ou marginalizadas são também classificados como NEE.

O direito do aluno com necessidades educativas especiais é o mesmo de todos, à educação é um direito constitucional e deve garantir um ensino e aprendizagem de qualidade. Dentre tais fatores, há ainda nos dias de hoje escolas que consiste em a não aceitação e

valorização das diferenças. Da qual está valorização traz um certo “resgate” diante os valores culturais que fortalecem identidade individual e coletiva das pessoas que ali fazem parte, trazendo respeito ao ato de aprender e de construir de cada criança.

as políticas educacionais, descreve que a escola deve se preparar para enfrentar o desafio em oferecer uma educação inclusiva e de qualidade para todos os seus alunos. Considerando que, cada aluno dentro da sala de aula apresenta características pessoais, valores e informações que os tornam únicos e especiais. Partindo assim para diversidade de interesses e ritmos de aprendizagem de cada educando, o desafio que traz as expectativas da escola que hoje trabalha em torno dessa diversidade na busca de construir um novo conceito no processo ensino aprendizagem.

1.4 Interação necessária – Professor/aluno

Neste capítulo, apresenta-se a importância de se haver uma boa relação afetiva entre professor e aluno, para atender o objetivo de alcançar um ensino e aprendizagem de qualidade. Tendo o intuito de motivar a o educando, buscando desenvolver e despertar o interesse dos assuntos nas aulas. Portanto, mais que cordialidade, esse intuito deve promover oportunidades, fazendo com que a sala de aula seja de fato, um lugar de crescimento intelectual independente das dificuldades e diferenças de cada criança.

percebe-se o quanto são necessários os professores terem capacitação de lidar com diferentes níveis intelectuais, e se especializar em áreas especiais para atender de forma adequada aqueles que precisam de uma atenção efetiva. O bom relacionamento entre professor e aluno, gera um melhor ensino/aprendizagem, o Tutor torna-se intercessor por meio de componentes motivacionais, afetivos e relacionais contribuindo com o ato de aprender. Para Aquino (1996, p. 34) a relação professor-aluno é muito importante, a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta.

É visível a necessidade de haver está interação professor/aluno, pois além de promover o interesse em aprender, também contribuirá com a superação de desafios, obstáculos, entre outras circunstâncias pessoais de cada criança. Nos dias de hoje está relação se faz mais necessária, pois na nossa atualidade, há um grande índice de crianças especiais que frequentam as escolas, e que precisam de uma atenção redobrada dos professores.

Quando há entre professores e alunos uma relação de confiança, crianças e adolescentes torna-se aceitáveis ao conteúdo e se sentem estimulados para estudar mais. Ao mesmo tempo

em que os educandos sentem essa disposição para aprender, os professores conseqüentemente se tornam mais motivados para ensinar/educar, a interação trás a liberdade dos alunos em se expressar, contudo o professor saberá como trabalhar os assuntos dentro da sala de aula, para somar ao conhecimento de seu educando.

De acordo com Miranda (2008, p.02) o fator afetivo é muito importante para o desenvolvimento e a construção do conhecimento, pois por meio das relações afetivas o aluno se desenvolve, aprende e adquire mais conhecimentos que ajudarão no seu desempenho escolar. Ou seja, se não houver esta interação entre professor/aluno, não haverá o ensino e aprendizagem de qualidade, pois o professor não poderá entender as dificuldades enfrentadas pelos alunos, e nem os alunos conseguirá superar os obstáculos diante os assuntos passados na sala de aula.

Compreende-se até aqui, a importância de praticar esta relação, para somar ao objetivo de toda escola, em desenvolver uma educação qualidade. Objetiva-se que mais do que ensinar, é preciso que o professor ofereça aos educandos, possibilidades para se alcançar o conhecimento, para que o ato educacional seja repleto por ações que promovam as crianças como sujeito ativo e atuante no processo ensino aprendizagem

2. CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia em si relata de maneira detalhada como será a construção do trabalho de acordo com Brune (1991). Esta pesquisa foi realizada em uma escola de comunidade rural na cidade de Parintins, e teve como objeto de estudo investigar a estrutura escolar acessível, onde a partir de suas vivências pôde-se conhecer a realidade de crianças com necessidades educacionais especiais, diante o processo de inclusão a partir da estrutura escolar. Contudo, esta sucessão relata os procedimentos de adaptação às crianças cadeirantes, pois o direito ao acesso para pessoas cadeirantes nas escolas públicas em áreas rurais, ainda tem sido um problema comum, a falta de espaços físicos seja na parte interna ou externa das escolas, são itens que dificultam o deslocamento daqueles que necessitam da cadeira de rodas. Através de entrevistas, questionários, e um contato direto com a instituição pôde-se ter esse conhecimento no processo de adaptação estrutural.

2.1 Contexto da pesquisa:

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal inserida em uma comunidade pertencente a área rural da cidade de Parintins, no Estado do Amazonas, área essa que só contém uma escola funcionando em dois períodos manhã e tarde. As Principais potencialidades da

escola é a participação coletiva, envolvimento, e disposição para fazer um espaço adequado a educação inclusiva.

Os dados foram coletados no período de março a abril de 2022. Essa coleta só teve início após a assinatura de autorização da diretora e professores da escola. Os dados coletados foram analisados de forma crítica procurando justificar o tema escolhido, apontando os problemas encontrados no processo de inclusão, diante a estrutura escolar, para possíveis soluções dos obstáculos que as crianças com necessidade educacional especial enfrentam para obter uma educação qualificada.

2.2 Lócus da pesquisa

A Escola que serviu de campo para esta investigação é uma escola Municipal e está localizada em uma área rural da cidade de Parintins. Atendendo alunos da educação infantil até o quinto ano do ensino Fundamental com turmas multisseriada, e agregadas. A escola possui um prédio próprio com acesso à internet, energia elétrica, e abastecimento de água fornecida pelo sistema de abastecimento de águas e esgotos de Parintins (SAAE). Os alunos que frequentam a escola são todos oriundos da comunidade, entre quais estão inseridos, 1 aluno cadeirante, 1 aluno autista e 2 alunos síndrome de Down. A comunidade Parananema fica a seis quilômetros do marco zero de Parintins, os habitantes local vive de plantações assim como pescas, há uma grande porcentagem de floresta, e inúmeras aves raras, tem o projeto ambientais, uma rica vegetação e lindos balneários.

Imagens da comunidade Parananema:



2.3 Métodos de pesquisa

Esta pesquisa está pautada em um estudo qualitativo voltado para a educação, onde segundo Neves (1996, p.41), a pesquisa qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais. “Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas entre as quais podemos destacar (entrevista não estruturada, entrevista semiestruturada, observação participante, observação estruturada, grupo focal) que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados.” O objetivo principal da pesquisa qualitativa é interpretar o fenômeno que ali está sendo estudado, a observação a descrição a compreensão e o significado.

O tipo de abordagem é fenomenológico onde Forghieri (1984 p.89) entende a fenomenologia não como um conjunto de ensinamentos, mas como um método que aspira chegar ao fenômeno por visão categorial; que tem como objetivo captar a essência do fenômeno. Onde utiliza-se para a investigação na escola, investigando se a mesma está preparada estruturalmente, para atender as necessidades educacionais e especiais dos alunos. A atitude fenomenológica não se preocupa com o que é real, pois a fenomenologia tem por objetivo analisar as vivências intencionais da consciência e a partir de aí perceber o sentido dos fenômenos.

Traz a pesquisa etnográfica como procedimento para ser possível investigar a inclusão da criança com dificuldades especiais na escola localizada em comunidade rural, pois é necessário utilizar este método, como pesquisa de campo, para que se torne possível entender o processo de inclusão das crianças com necessidade educacionais especiais. Dentre tais conceito abordado, o objetivo da etnografia vem ser o estudo e a descrição dos povos seus costumes, seu habitar. De acordo com Matos (2001, p.99), “a descrição etnográfica também pode ser definida como a escrita da cultura e é caracterizada por uma atividade de observação, antes de tudo, escrever e aprender o que vemos.”

Foi utilizado como método de abordagem a pesquisa quantitativa, baseada na aplicação de questionários estruturados para um grupo de professores. De acordo com Kenechtel (2014, p. 95) , a pesquisa quantitativa trabalha com dados mediatos, ou seja, ela vai além da informação dada, procura aprofundar o conhecimento do objeto de estudo”. Partindo da classificação dos dados, a pesquisa quantitativa possui algumas técnicas.

2.4 Técnicas de coletas de dados

Foi utilizado: A observação participante, entrevista com questionário, e grupo focal. A entrevista foi direcionada a gestora com perguntas diante a estrutura da escola, e quais obstáculos a escola passou e passa para lidar com as crianças que tem necessidade educacionais

especiais. Já o grupo focal foi feito com os professores, acompanhando de um roteiro de perguntas fechada.

A observação participante, nesse posicionamento teórico, traz dentro da pesquisa o contato direto, tendo uma longa duração para que se possa melhor entender e compreender a vida do grupo pesquisado. Segundo Moreira (2002, p. 52), a observação participante é conceituada como “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”.

Dentro deste estudo, na modalidade qualitativa foi utilizado o método grupo focal, Morgan (1997, pg. 12) define grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, “que coleta informações por meio das interações grupais.” Já as entrevistas são aplicadas para que o pesquisador obtenha informações suficiente, essa técnica de coleta de dados é uma das principais ações usadas nas pesquisas das ciências sociais, desempenhando papel importante nos estudos científicos. Lüdke e André (1986, p. 34), diz que “A grande vantagem dessa técnica em relação às outras é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.”

A entrevista pode ser definida como uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente. Trazendo assim benefícios suficiente para a realização de projetos para adaptação inclusiva de estrutura escolar para lidar com crianças com necessidades especiais. (MOREIRA, 2002, p. 54).

O questionário, segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Os métodos da pesquisa quantitativa são geralmente impostos para concluir uma relação entre duas ou mais variáveis dentro do público alvo.

Sujeitos da pesquisa

Participaram desta investigação a gestora da escola, e (4) professores onde os mesmos compartilham de suas vivências, diante a realidade local da escola e da comunidade. A gestora possui graduação em Pedagogia com especialização em Educação Especial e Psicopedagogia,

atua há 5 anos na gestão, e 10 anos como professora. Diante a entrevista foi criado a sigla **(RG)** como código para identificar as falas da gestora nesta pesquisa.

Já os professores, todos tem graduação em Pedagogia, 1 professor com graduação em Pedagogia e Artes e todos com especialização. Dá qual há 2 professores com especialização em Educação Especial Inclusiva, 1 professor com especialização em Educação e Tecnologia, e 1 professor especializado em Gestão Escolar. Foi utilizado nomes fictícios para identificação das falas dos professores, ficaram: **Maria, João Lucas, e Pedro.**

3. CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS MESMOS:

3.1 Caracterização do campo da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal na comunidade do Parananema que fica localizada em uma área rural na cidade de Parintins no Estado do Amazonas, área essa que só contém uma escola funcionando em dois períodos manhã e tarde. As Principais potencialidades da escola é a participação coletiva envolvimento, e disposição para fazer um espaço adequado a educação inclusiva. A escola é composta de 16 funcionários, sendo a maioria com formação superior, os Professores todos têm graduação em Pedagogia, alguns possuem especialização. O corpo Administrativo compõe-se de uma diretora e uma secretária e 4 professores. No corpo Pedagógico uma supervisora, uma coordenadora, uma psicóloga e também uma assistente Social (ambas não estão especificamente na escola, mas frequenta de vez em quando, pois são responsáveis por outras escolas). Já o pessoal de apoio conta com dois auxiliares de serviços, dois Guardas, e 2 merendeiras. Tanto a psicóloga quanto a Pedagoga embora desenvolvam atividades na escola, o trabalho das mesmas é itinerante, elas não ficam todos os dias na escola.

Quanto à estrutura da escola os resultados mostram que ainda precisa melhorar, porém diante disso a gestão pode contar com diferentes profissionais nos diferentes segmentos: administrativos e pedagógicos. As aulas na escola funcionam das 07h00min às 11h00min pela manhã e das 13:00 às 17:00 pela tarde, a escola dispõe de duas salas de aulas, e vem recebendo alunos com necessidades educacionais especiais de 7 a 6 anos até o de hoje de acordo com a gestora. Diante disso a escola passou por várias adaptações pois sua estrutura não era adequada para as crianças especiais. Para a gestora o principal desafio da escola proposto no Projeto Político Pedagógico (PPP) está relacionado não só à formação e superação da zona de conforto dos educandos, como também a falta de espaço na estrutura escolar que consiste em fazer com que a mesma se desloque muitas vezes de sua sala para ceder o espaço com vista ao atendimento desses alunos.

Imagens da escola:



3.2 Adaptação /crianças cadeirantes

Os cadeirantes foram os primeiros alunos especiais que a escola começou a receber, de acordo com gestora, todos os alunos com essa deficiência iniciaram os estudos na instituição desde a Educação infantil, aos 5 e 6 anos de idade. Com isso mudanças necessárias na estrutura escolar tiveram que ser iniciadas. Áreas internas e externas foram sendo modificadas. Banheiros adaptados, salas, portas e rampas foram transformados para receber tais crianças dentro do prédio. Na escola há banheiro com chuveiro, mas não são adaptáveis a todas as crianças com necessidades educacionais especiais, como os cadeirantes, entre outras circunstâncias que ali são necessárias. A acessibilidade engloba vários aspectos, como o emprego, a saúde, a educação, a reabilitação e o espaço urbano e edificado, que deve receber as pessoas portadoras de necessidades especiais ou com mobilidade reduzida livre de barreiras arquitetônicas e urbanas. (Santos e Ribas 2005, pag. 82).

Ao observar essa questão a gestora confirma ter conhecimento dos direitos desses alunos e optou por aumentar as portas e adotar rampas em algumas áreas da escola, para diminuir a dificuldade de locomoção dos mesmos, mas ainda assim os alunos precisam muitas vezes de ajuda para entrar na sala de aula. A gestora fala, que para conseguir fazer a reforma nas portas e adotar rampas, precisou persistir para administrações públicas como a prefeitura municipal junto com a gestão escolar, e conseguiu com que os materiais de construção pudessem chegar a curto prazo para adaptar as crianças cadeirantes.

Na visão da gestora ainda há nos dias de hoje dificuldades no processo de adaptação desses alunos onde desde o início do ano letivo a escola perpassa por um desafio maior ao lidar

com os mesmos, fazendo muitas vezes com que esses alunos sintam um certo desconforto ao estudar na escola. A Gestora nos conta sobre a dificuldade dos alunos para entrar nas salas de aula diante a debilidade da estrutura física da escola, e como os mesmos têm dificuldade para se concentrar nos conteúdos das aulas. “Muitas vezes eles entram carregados chamando atenção de outros coleguinhas que ficam observando” e assim eles se sentem constrangidos. Com isto, deve-se compreender aqui a importância de lidar com a falta de acessibilidade, mas também de lutar para adquiri-la, em busca de atender as especificidades das crianças especiais.

“É visível como a instituição é pequena, as salas de aula são estreitas, o pátio e outras áreas não oferece proteção, porque há algumas partes quebradas, ou não é acessível.” Diz a gestora que atua a 15 anos na escola. Ela dá ênfase na força de vontade dos professores, e como seus esforços são visíveis para dar o mínimo de conforto para os alunos, e que ela tenta valorizar isso dentro da instituição. Diante dessa questão a gestora traz a desvalorização das conduções escolares com as escolas das áreas rurais de nossa cidade. Como pôde-se acompanhar durante o contato frequente na escola, os alunos devem buscar seu próprio meio de chegar até a instituição, dificultando muitas vezes a força de vontade em estudar.

4. Resultados e Discussões

A partir deste tópico passaremos a analisar as falas dos sujeitos envolvidos neste estudo, a partir de entrevista com questionário, e grupo focal para obter respostas aos questionamentos dessa pesquisa. O procedimento de coleta de dados foram os seguintes: entrevista com a gestora, e grupo focal com os professores. Para cada um colaborar com seus conhecimentos e argumentos e assim ter resultados mais claros, diante a disponibilidade de horários de cada um. Passaremos agora a analisar os dados fornecidos pela Gestora na entrevista.

4.1 Entrevista: Gestora

Momento/perguntas:

Pergunta 1

1. Como a escola se estrutura para trabalhar com a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais nas turmas?

RG: *“A escola teve que se adaptar de modo instantâneo e criativo, pois quando as crianças que tinham alguma necessidade especial começaram a ser matriculada na instituição, não havia uma estrutura básica que pudesse lidar com as mesmas, como os cadeirantes.”*

A gestora fala sobre a dificuldade de lidar não só com os cadeirantes, mas com alunos que possuem, síndrome de Down, e TDHA, e que ela teve muitas vezes que ceder a sala da secretaria, ou seja a sua sala para adaptar como sala de recurso multifuncional aos alunos que agora faziam parte da corporação escolar. Diante essa questão os professores também tiveram que se aperfeiçoar, fazer especialização na área, para acompanhar o processo educacional dessas crianças e fazer projetos pedagógicos que somassem a sua aprendizagem. Como a gestora explica *“no começo foi bem difícil ainda não sabíamos lidar com eles, e assim eles ficavam um pouco excluídos”*

De acordo com a visão da gestora a escola ainda não tem uma estrutura favorável para lidar com esses alunos. Mas ainda assim diz que há como acomodar essas crianças pelo fato de sua gestão ser acolhedora e sempre achar uma forma ou “um jeito” para ajudar as mesmas. Ela ainda traz a questão sobre as carteiras que hoje são mais adaptadas para as crianças cadeirantes e que a 5 anos atrás não tinha nenhum tipo de carteira na sala de aula para adaptar as mesmas. E que na escola possui poucos materiais didáticos, mas que ainda sim dá para trabalhar com as crianças que possuem alguma necessidade educacional especial.

Contudo pode-se perceber o esforço da gestora para adaptação dos alunos, e como isso é uma atitude positiva e necessária para praticar a inclusão. De acordo com Santana (2005, p. 228) “Diante da orientação inclusiva, as funções do gestor escolar incluem a definição dos objetivos da instituição, o estímulo à capacitação de professores, o fortalecimento de apoio às interações e a processos que se compatibilizem com a filosofia da escola”. A partir disso compreende-se como é preciso termos interesse em buscar meios de garantir uma educação de qualidade a todas as crianças independentemente dos obstáculos.

Pergunta 2

2. Porque há poucos materiais didático na escola?

RG: “Além de os materiais didático demorar para chegarem até a instituição, as crianças aos saírem da escola me auto responsabilizo de doar para a nova instituição que essas crianças irão passar a estudar, para assim a criança não ter um impacto maior do diferente conteúdo que irão ser trabalhados de acordo com o Projeto político pedagógico (PPP) desta nova instituição.

Com isso pode-se compreender o quão importante é na gestão escolar, ter disposição em ajudar as dificuldades enfrentadas pelos alunos independentes de quais sejam. É de suma importância a prática de conviver, respeitar e cuidar da sua individualidade. Ser mentor para essas crianças descobrirem seus interesses e talentos. Pode-se reconhecer a força de vontade da gestora com os educandos da comunidade, e o quanto ela lutou e luta para adaptação de crianças com necessidades educacionais especiais. Favorecendo a educação local, e permitindo uma nova visão no contexto de escola de campo. De acordo com Freire (1993, p. 19):

Para uma boa prática de ensino e aprendizagem, professores e professoras precisam buscar sua própria libertação e trabalhar na libertação junto com os educandos. Para isso, contam com o poder da palavra como instrumento essencial no processo de aprender e ensinar.

Contudo, sabemos das leis que ampara a acessibilidade da escola em si para oferecer um ensino e aprendizagem de qualidade, e tais atitude e comprometimento da gestora e professores para ajudar seus alunos não é responsabilidade que cabe somente a eles, devemos colocar em questão sobre o fardo do gestor e professores de escola em áreas rurais, da qual muitos se alto responsabiliza por deveres que não lhes convém. Deve-se sim, como educador colaborar com o avanço da educação, mas também garantir que haja a praticidade dos direitos educacionais especiais na escola para assim garantir uma educação qualificada aos educandos, e valorizar o trabalho da gestão escolar em seu todo.

Pergunta 3

3. Na sua visão há dificuldades no ensino e aprendizagem, relacionado a estrutura escolar entre professores e alunos na visão dela?

RG: “não há, pois, antes de começar o ano letivo há reuniões que ajudam a orientá-los assim como os materiais a ser passado, há uma relação bem afetiva na gestão escolar, podendo assim um contar com o outro para superar obstáculos e o desafio de forma-los.

Na visão da gestora não há dificuldade na relação professor/aluno pois de acordo com ela, a escola trabalha em torno da interação necessária para resoluções de problemas encontrados no processo de ensino e aprendizagem. Contudo ela relata que a dificuldade é encontrada na adaptação dos alunos especiais e que este processo é uma luta constante para as escolas de áreas rurais que não tem uma estrutura inclusiva para lidar com alunos especiais.

Durante a pesquisa, observou-se o prédio em si, e percebeu-se a dificuldade das crianças cadeirantes diante a estrutura física da escola, pois a instituição é dívida por partes, como se fosse duas estruturas lado a lado. Parecido com “pousada”, onde a sala das crianças fica separada do prédio, em uma área aberta, e as outras dependências da escola como, secretaria, cantina, cozinha e etc. ficam em uma só parte. Fazendo assim com que a locomoção dos professores e alunos sejam maiores ao chegar até a sala de aula. Além de ter um corredor pequeno, a área das salas, não oferece uma acessibilidade básica para o percurso desses alunos especiais. De acordo com a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 em seu artigo 1º:

Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação (BRASIL, 2000).

Como pôde-se ver, a lei ampara a todas as necessidades que as crianças especiais precisam dentro do âmbito escolar, que é a acessibilidade para adaptação inclusiva dos mesmos, assegurando seu direito de aprender. Contudo, foi possível perceber a falta de mais apoio dos órgãos responsáveis pela educação, como o próprio governo Municipal. Apoio esse que obriga a ser cumprida por leis, mas não é praticada em áreas menos vista, como esta escola na comunidade do Parananema na cidade de Parintins.

Seria de grande contribuição estes órgãos disponibilizarem por exemplo de condução escolar adequadas, para somar ao interesse de crianças que necessitam de condução para estudar. A Lei n. 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente), traz o direito ao transporte escolar que é protegido pelo artigo 208, inciso V; e na Lei n. 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), o transporte escolar, é dever do Estado, na rede pública, limita-se à educação básica, que vai dos 4 aos 17 anos, até encerrar o Ensino Médio (artigo 4º, inciso VIII; artigo 10, VII; e artigo 11, VI). A gestora confirma e diz que a pior fase na escola é quando as crianças cadeirantes começam a faltar pelo tempo de chuva já que na nossa cidade temos um clima tropical (ou seja, não há um tempo certo de verão ou inverno).

“Nenhum tem carro, todos vêm de moto ou sendo empurrados na cadeira até a escola” diz a gestora. Chegando muitos assim sem condições psicológicas e físicas para estudar devido à distância e a alta temperatura do verão. A gestora conta também sobre a luta dos pais na comunidade, e como começou a encoraja-los em matricular seus filhos cadeirantes na escola.

“Eles tinham vergonha antes de expor seus filhos, achavam que iam sofrer com maus olhares, discriminação e mal tratamento mas passamos dessa fase, nossa preocupação é com o tempo de chuva e quando eles ficam doentes, a condução se torna essencial nesta fase”, diz a gestora. Ela relembra durante a entrevista como entrou em acordo com os pais que matricularam seus filhos cadeirante, e que ficou combinado que quando os alunos tivessem doentes ou tendo alguma questão pessoal, daria até 5 dias para os mesmos ficarem ausentes da escola, se houvesse necessidade de ficarem mais tempo, os responsáveis tinham/tem que entrar em contato para avisar de sua ausência.

A partir disso, pode-se compreender a interação necessária professor/alunos para superação dos obstáculos enfrentados pelos mesmos no dia a dia. Conhecer seu aluno e a sua realidade é essencial para dispor de bons resultados educacionais, a aprendizagem deve ser estimulada, e para isso acontecer a relação deve estar estabelecida entre professores e alunos, para somar ao elemento fundamental do processo de ensino aprendizagem. É por meio dela que os professores aprendem e ensinam, levando em consideração a realidade que os educandos vivenciam, construindo uma relação de afeto e confiança. E buscando juntos com os pais meios de superar suas dificuldades, e conquistar uma educação qualificada. Reis (2007, pág. 06) afirma:

Os pais devem tomar consciência de que a escola não é uma entidade estranha, desconhecida e que sua participação ativa é a garantia da boa qualidade da educação escolar. As crianças são filhose estudantes ao mesmo tempo. Assim, as duas mais importantes instituições da sociedade contemporânea, a família e a escola, devem unir esforços em busca de objetivos comuns.

Como isto é perceptível como a boa relação professor/aluno envolve inúmeras questões positivas, desenvolvendo o interesse em aprender e ensinar, promovendo a superação de desafios e buscando soluções para os obstáculos diante a falta de acessibilidade na estrutura escolar. Contudo os pais e responsáveis são mediadores para construir uma segurança pessoal nas crianças e assim promover uma relação saudável entre professores e alunos em busca de um ensino e aprendizagem de qualidade.

A partir disso, passaremos a analisar o questionário passado para a gestora com base na investigada, diante a estrutura escolar como inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais.

4.2 Questionário/Gestora

Após a entrevista com a gestora foi solicitado que a mesma respondesse algumas perguntas fechadas em forma de questionário sobre a estrutura escolar. Com o objetivo de identificar quais as perspectivas da gestora diante a acessibilidade da estrutura escolar. A gestora pôde escolher duas opções, “(sim) e (não)” para responder as alternativas. 3 perguntas foram relacionadas a falta de estrutura escolar, e valorização dos órgãos responsáveis pela educação. E outras 3 perguntas relacionada a sua opinião sobre as necessidades geral da instituição, como uma escola inclusiva.

Quadro 1. Questionário de perguntas

QUESTIONÁRIO			
1°	Em sua perspectiva a escola precisa melhorar sua estrutura?	(SIM) X	(NÃO)
2°	De acordo com as legislações diante as crianças com necessidades educacionais especiais, a escola Supre com todas as especificidades estrutural com a mesma?	(SIM)	(NÃO) X
3°	Na sua concepção, a localidade da escola faz com que diminua a valorização dos órgãos responsáveis pela educação?	(SIM) X	(NÃO)
4°	Com relação aos direitos dos alunos especiais a escola dispõe de espaços sociais internos?	(SIM)	(NÃO) X
5°	Diante as adversidades de cada aluno, a escola em seu todo, alcança um ensino e aprendizagem de qualidade?	(SIM) X	(NÃO)

6°	Em sua opinião, a escola necessita de mais apoio dos órgãos responsáveis pela educação?	(SIM) X	(NÃO)
----	--	-------------------	-------

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

É visível o quanto a Gestora mostra insatisfação na falta de acessibilidade, e estrutura para os alunos com necessidades educacionais especiais, “aqui não tem nem cadeiras de roda para os cadeirantes” diz a Gestora com um certo tom de frustração. Contudo relata algumas mudanças que ainda luta para ter na escola, como uma área ou sala de descanso com colchonete (colchão pequeno), para as crianças que muitas vezes estão cansadas e precisam esperar até o horário da saída às 17 horas, momento em que seus responsáveis vêm buscá-los, pois é o horário de encerramento das aulas.

Este quadro mostra as perguntas da qual a Gestora respondeu, diante as questões relacionada à estrutura escolar e inclusão de crianças com necessidades especiais. Diante das respostas da Gestora é visível o quanto a escola precisa melhorar, e o quanto a Gestora é ciente da situação, podemos observar na tabela a cima que a mesma marcou todas as questões voltada a melhoria da estrutura da escola. E o quanto ela queria que isso mudasse radicalmente, é perceptível que a escola não está apta para receber todos alunos que possuem necessidade educacionais especiais.

O processo de ensino-aprendizagem é complexo e exige a interação de diversos fatores para ser realizado de forma adequada logo, esses fatores vão desde um corpo docente qualificado até condições de estrutura escolar favorável, o que inclui materiais didáticos, equipamentos, e estrutura físicas apropriadas. (SOARES NETO, 2013, pag. 377)

Uma vez que o direito à educação e uma estrutura de qualidade em áreas rurais é garantido por lei e constitucionalmente pela política de educação, não se pode deixar com que não haja essa praticidade. Devemos sim, procurar meios que auxiliem a prática deste direito, e principalmente com que garanta esta estrutura inclusiva para adaptação de alunos especiais, da qual tem mais dificuldades para construir interesse em aprender.

Ainda durante a entrevista, indaguei a gestora sobre as dificuldades enfrentadas pelos pais e responsáveis diante a estrutura escolar e os obstáculos da comunidade com a distância da escola, e se os mesmos fazem cobranças relacionadas aos direitos de seus filhos diante a Escola, a gestora diz não haver qualquer reclamação, e afirma que muitos pais desconhecem dos direitos de seus filhos diante a escola.

Pois, considerando o relato da gestora, a comunidade Parananema tem uma cultura diferente do centro da cidade, ali costuma morar uma quantia pequena de gente e humilde, há muitas desvantagens dos moradores que vivem ali, e ter uma escola para educar seus filhos traz uma segurança de uma vida futura melhor, fazendo com que muitos se contentem com o máximo que a escola pode oferecer para haver educação na comunidade.

Contudo, a gestora dá ênfase aos esforços para com a gestão em educar seus alunos. Considerando que apesar dos obstáculos cada funcionário ali representa uma grande responsabilidade em beneficiar um ensino aprendizagem de qualidade a cada um. Mesmo que seja necessária uma atenção duplicada, e um esforço triplo diz a gestora.

4.3 Grupo focal/ Professores

Para a coleta de informações junto com os professores elaboramos um grupo focal, com objetivo de criar um ambiente propício para a compreensão de diferentes percepções e pontos de vista, sem pressão, para que os participantes votassem, e chegasse a um consenso ou algum plano conclusivo. Gaskell (2002, p. 79) considera que "Os grupos focais propiciam um debate aberto e acessível em torno de um tema de interesse comum aos participantes." Ou seja, em que os professores expressaram suas ideias e concepções acerca da problemática investigada, um debate que se fundamenta numa discussão racional na qual as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração

Neste momento foi feita uma pequena dinâmica com os professores, dividida em dois momentos, o primeiro momento foi feito um roteiro de perguntas onde os mesmos se posicionaram sobre a inclusão e a acessibilidade. O segundo momento foi passado a eles um pequeno questionário com 5 perguntas fechadas sobre a estrutura escolar diante a acessibilidade dos alunos especiais.

4.4 Primeiro momento/ roteiro de perguntas

Ao iniciar a dinâmica, foi levantado a questão: O que define Inclusão para vocês?

Quadro 2. Respostas do roteiro de perguntas.

Respostas:

Maria: *“Para mim, é onde pode-se incluir qualquer educando tendo limitações físicas ou mentais, é dá o mesmo direito que qualquer outro considerado “normal.”*

João: *“Acredito que é você ajudar, apoiar, suplementar, acreditar, e saciar as dificuldades de quem precisa.”*

Lucas: *“bom, inclusão é você presta ajuda, ser solidário, e aceitar qualquer pessoa sem preconceito, se é negro, branco, gordo, magro etc.”*

Pedro: *“É tratar todas as pessoas da mesma forma, para que não se sinta diferente e sim acolhido”*

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Pode-se observar a sensibilidade de cada um, ao falar de educandos especiais que já ensinaram. E por se tratar de professores que atuam em salas multisseriada, trouxeram na conversa a relação professor /aluno que a escola não se acanha em ter dedicação total. Pois como os mesmos se referem, são alunos de variados níveis escolares, idades, e personalidades diferentes, para trabalhar dentro de uma única sala de aula, com objetivo de conquistar o ensino e aprendizagem dos mesmos. Ao perguntar sobre como trabalham o projeto político pedagógico (PPP) da escola diante a falta de estrutura escolar pedir para que os professores citassem o que mais lhes preocupam:

Respostas:

- ✓ **Maria:** com a formação dos alunos, “graças ao PPP que exercemos na instituição conseguimos formar bastantes alunos no meu ver, diante a nossa realidade, pois se não fosse nossos esforços, muitos não tinha nem se alfabetizado, como já nos aconteceu.”
- ✓ **João:** a disponibilidade que temos que ter com a escola, “toda semana a gente faz pequenas reuniões para entramos em consenso em como vamos trabalhar com os alunos que estão com mais dificuldade nas aulas, porque sempre há, e somos 2 professores de manhã 2 a tarde, se um de nós estiver ausente, dificulta bastante as tarefas do dia a dia durante a semana com as crianças.”
- ✓ **Lucas:** os materiais didáticos, “é muito ruim termos conhecimento dos assuntos, e muitas vezes não ter o material didático, ou até mesmo Jogos educativos para trabalhar na sala de aula o assunto com todas as crianças acompanhar para aulas mais criativas”
- ✓ **Pedro:** com a qualidade de ensino e aprendizagem, “com certeza minha preocupação maior é saber se estão realmente aprendendo, pois muitos se encontram em séries avançadas, mais com grau de dificuldade muito alto, pois além da falta de materiais, a estrutura da escola não oferece

possibilidades de fazemos aulas práticas para contribuir com o interesse dessas crianças em estudar.”

Compreende-se aqui, como a falta de estrutura escolar acessível, afeta a todos, é necessário analisarmos que a para uma escola se tornar inclusa requer primeiramente uma estrutura escolar de qualidade, que ofereça aos educandos e educadores possibilidades de percorrer com segurança por suas áreas, e principalmente de haver condições para ensinar, e aprender, que também haja materiais suficientes para contribuir com a educação dos alunos, e o processo de ensinar do professor, pois percebeu-se aqui, a grande responsabilidade diante os professores sobre falta de estrutura escolar de qualidade. De acordo com Ferreira (1998, pág. 104):

“É num tempo como esse que nós, educadores e educadoras, nos vemos moralmente obrigados, mais do que nunca, a fazer perguntas cruciais e vitais sobre o nosso trabalho e nossas responsabilidades, a fim de respondê-las com propostas e ações coerentes e eficazes. É num tempo como esse que nós, administradores da educação, nos vemos moralmente desafiados a responder de forma competente aos reclamos da sociedade contemporânea com decisões firmes e ousadas, comprometidas com a formação humana do cidadão brasileiro e da cidadã brasileira. Do/a profissional da educação.”

Falar sobre os direitos educacionais é englobar o corpo docente que conduz a escola, pois é a partir do professor que os alunos passam a aprender. Contudo, é de suma importância buscarmos meios de garantir a efetivação dos recursos educacionais para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem das crianças. Trazendo para a realidade de uma escola rural faz mais necessário que lutemos por este direito, pois a falta de estrutura escolar diante a acessibilidade dos educandos em áreas rurais é mais preocupante como podemos ver nesta pesquisa.

4.5 Segundo momento: questionário

Neste momento foi passado para os quatro professores um questionário com perguntas fechadas, diante a estrutura escolar, e suas perspectivas sobre uma futura melhoria na escola, com 5 alternativas da qual os professores teriam que marcar somente 3 das opções, identificando o que mais é necessário para a escola na atualidade diante suas próprias concepções.

4.5.1 Quadro demonstrativo do questionário passado aos professores:

Quadro 3. Questionário destinado aos professores

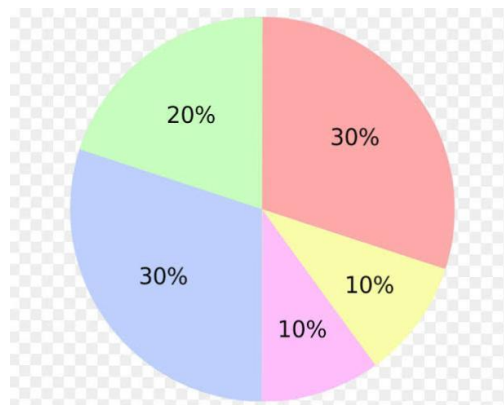
Questionário:
1. Pintura, reformar de: telhado, paredes do prédio e piso.
2. Materiais didático.
3. Mais Funcionários.
4. Segurança, mais vigias, murar a escola, por grandes em 100% da escola
5. Mais Salas, pátio de lazer, quadra etc.






Fonte: Elaborado pela autora, 2022

Neste momento foi explicado aos mesmos, que deviam marcar (x) somente 3 alternativas das 5 opções escrita, e que para eles eram de emergência na escola, visando investigar se a equipe pedagógica da escola, tem conhecimento das necessidades educacionais, e se trabalham em conjunto em torno de resoluções dos problemas encontrados na escola.

4.5.2 Gráfico de porcentagem das opções mais escolhida pelos professores e que é de necessidade na escola:

Figura 1. Gráfico de resultados



	Pintura, reformar de: telhado, paredes do prédio e piso.
	Materiais didático
	Mais Funcionários
	Segurança, mais vigias, murara escola, por grandes em 100% da escola .
	Mais Salas, pátio de lazer, quadra etc.

Como podemos observar, a maior preocupação dos professores é a precariedade da estrutura física da escola em si. Diante da necessidade de se haver uma reforma urgente em toda as áreas. 90% escolheram a 1º e a 5º opção, mostrando que os mesmos são sábios da situação em que a instituição se encontra, e que todos querem que haja esta transformação radical de reforma na escola para se tornar acessível e inclusiva. Contudo, foi perguntado aos mesmos:

Qual das 2 alternativas que foi votada por todos preferiam que a escola obtivesse primeiro?

-Todos escolheram a questão número 1. Mostrando muita preocupação com a falta de estrutura escolar de qualidade.

Após as respostas dos professores, e para finalizar o grupo focal, pus em questão a participação da comunidade, onde indaguei um dos professores que mora também na localidade, sobre se há relação entre escola/comunidade:

Maria, fala o quanto acredita que a escola precisa de um olhar mais sensível vindo da comunidade, e como a falta de uma estrutura escolar interfere de fazer atividades sociais visando melhorar esta relação. *“À escola é em uma área aberta, sem muro, sem restrição de qualquer indivíduo adentrar, áreas proibidas, os telhados são todos quebrados e furados, quando chove a escola fica em uma situação muito triste, crianças e professores correm para guardar as matérias para não molhar”*, diz o professor.

Ao iniciar este comentário, os **João e Lucas**, comentaram sobre algumas tentativas de assalto anos atrás, na escola. Porém, por moradores mais próximo da instituição ter visto algo incomum fizeram alerta aos professores na sala, espantando assim os indivíduos, mas também comentaram sobre a suposição de que podia alguém da comunidade. Os professores Mostram-se preocupado com os alunos que moram nas redondezas e mais ainda os que moram um pouco mais longe, e acredita que isso pode mudar.

Diante disso o **Pedro** diz *“se a escola oferecesse mais segurança faria com que mais crianças viesse a estudar na comunidade.”* Também comenta sobre o quanto seria de grande ajuda uma condução escolar para oferecer mais proteção a essas crianças pois a comunidade apesar de aparentemente apresentar um lugar calmo, acontece séries de crimes.

Contudo, não nego o quanto é preocupante a falta de segurança da escola, o prédio não tem muros para proteção, não há cercas, não é totalmente gradeada, não dispõe de vigias 24 horas, e a localidade dela em si é em uma área que oferecer perigo, pois em todo o seu redor é mata alta. Além da estrutura está em situações precárias, precisando de reformas com uma certa

urgência. Tendo contato direto antes e depois desta pesquisa é perceptível que as crianças que estudam e moram na localidade perpassa por muitas tribulações. Os professores mostram-se sábios dos direitos da escola e das crianças, lutam há anos pela atenção dos órgãos responsáveis pela educação, como a prefeitura Municipal da cidade, mas por saber que é algo comum a falta de valorização nas áreas rurais da cidade, muitas vezes preferem se adaptar a situação. O interesse dos educadores é necessário para o avanço da escola, em todas as questões, estrutural, e educacional, no termo de oferecer uma educação qualificada. Devemos colocar em prática a importância de lidar com o tradicionalismo, para que essa barreira seja mais um obstáculo superado. A partir desta compressão, acredita-se que como educador é essencial exercer o papel de um professor moderno, para trabalhar de uma forma diferente a inclusão que é necessária nessas áreas rurais, e assim obter resoluções para com falta de estrutura e adaptação de crianças com necessidades educacionais especiais.

O educador do campo deve ser aquele cujo trabalho principal é o de fazer e o de pensar a formação humana, seja na escola na família, na comunidade, no movimento social, a formação humana dos sujeitos é um dos focos principais na atuação dos educadores/professores. (CALDART, 2004, pag. 158).

Os professores para facilitar o ensino e aprendizagem tentam praticar atividades e trabalhos respeitando as limitações desses alunos, na educação inclusiva o ponto principal nos exercícios didático e prático, é sempre lidar com as diferenças. A gestão da escola deixa claro, acredita em seus educandos com necessidades educacionais, e dizem ter um grande potencial para serem promovidos as outras séries, levando em consideração suas limitações.

6. IMAGENS DA ESCOLA

Neste momento passaremos a ver imagens que representam a falta de acessibilidade, diante a estrutura da escola. Para observação e identificação do que não permite a escola ser inclusiva. Onde mostra como a falta de acesso atingi o processo de adaptação e conseqüentemente o ensino e aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais. Há inúmeras questões negativa sobre a estrutura escolar, porém o que devemos colocar em pauta é o que não permite o aluno ter condições de aprender pela falta de acessibilidade.

Figura 2 e 3. Ambiente interno



Fonte: Acervo próprio, 2022

Estas imagens, mostram circunstâncias preocupantes na atualidade da escola, pois é a parte interna do prédio, onde podemos ver a precariedade. A primeira imagem é a entrada principal da escola sendo possível identificar que está quebrada e sem acesso para alunos cadeirantes, fazendo com que os mesmos façam um percurso maior para entrar na sala de aula. A segunda imagem é dos banheiros dos alunos, onde é perceptível que não há adaptação inclusiva para os alunos cadeirante, pois as portas são estreitas assim como a falta de barras de apoio, bloqueando assim a passagem com a cadeira de rodas, e dependendo de terceiros para a utilização. A escola inclusiva necessita de material didático, profissionais especializados, mobiliário e espaço físico adaptado, bem como uma arquitetura vinculada à pedagogia, que apoie o processo educacional dos alunos com deficiência. (CARVALHO, 2008, pag. 47).

Uma escola para ser inclusiva deve ter características saudáveis, e está preparada para lidar com qualquer tipo de estudante. É importante crianças com necessidades educacionais especiais se sintam acolhidas e inseridas de forma natural diante as rotinas e métodos de ensino. O objetivo da educação inclusiva é permear e garantir que esse aluno tenha liberdade de autonomia, aprendendo a se posicionar com naturalidade diante os obstáculos enfrentados no dia a dia, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Porém para alcançar esse objetivo, deve-se haver um diálogo com as famílias para contribuir com o avanço e superação de desafios.

Figura 4 e 5. Ambiente externo



Fonte: Acervo próprio, 2022

Estas imagens são da parte externa da escola, pode-se ver que, não há uma estrutura acessível que contribua com as necessidades dos alunos cadeirantes. A primeira imagem é um acesso das salas para o banheiro, onde as crianças atravessam um pequeno trecho de grama para adentrar o prédio neste caminho há pedras e o chão não é plano, contudo não há condições dos cadeirantes se locomoverem sozinhos até o banheiro por exemplo. A segunda imagem é a área lateral da escola que dá acesso das salas, para banheiros, cozinha, secretária, e ao pátio coberto, onde não há nem um caminho acessível para o cadeirante.

Pode-se perceber aqui, que por mais que a gestão escolar trabalhe em conjunto para haver inclusão diante as crianças com necessidades educacionais especiais da comunidade, a escola não está apta para ser denominada como inclusiva. Por não permitir acessibilidade aos educandos, prejudicando assim o ensino e aprendizagem dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão resulta de um complexo processo, sem segregação, sem restrição para assim ser definida, e poder solucionar de forma adequada e viável o desafio de fornecer dentro de todos os direitos educacionais, um ensino e aprendizagem de qualidade. Falar de inclusão é o primeiro passo ao direito à cidadania de todas as crianças. Praticar a inclusão dos alunos que obtém necessidades educacionais especiais desde a Educação infantil, envolve inúmeras questões positivas. Reconhecer a importância de haver em todas as escolas uma estrutura de qualidade é saber que o ambiente em que uma criança estuda fará parte de sua vida futura. Toda criança leva consigo seu ensino e aprendizagem, e fornecer a essa criança um ambiente

apropriado a sua capacidade produtiva trará benefícios suficiente para um futuro de muitas conquistas.

Ao entrar em contato com a escola e a comunidade, no decorrer dessa pesquisa, foram obtidos resultados muito precisos para a construção de conhecimento pessoal, e também na busca de contribuir como professora recém-formada na educação qualificada e inclusiva. Sem segregar, e restringir áreas de campo, da qual pode-se identificar a carência de apoio. Neste sentido, ter a participação coletiva e envolvimento da gestora e professores, para identificar o quão importante é buscarmos sempre o melhor para nossos educandos e futuros profissionais, é a chave para a praticidade de uma escola inclusiva.

A Gestora e os professores entrevistados, no qual todos trabalham há muitos anos com a educação, declaram o pouco tempo que começaram a lidar com a Inclusão na escola. Todos afirmam ter conhecimento da Legislação que normatiza esta educação inclusiva no Brasil, todavia falam sobre como a falta de estrutura impede a pratica da mesma, além de deixar claro a escassez do material didático, jogos entre outros para trabalhar com esses alunos. Contudo os professores junto da Gestora mostraram ser satisfatório o relacionamento que tem professor/aluno. Mas como pôde-se ver, a escola não pode oferecer inclusão, e nem garantir uma educação de qualidade, pela falta de estrutura escolar de qualidade.

A pesquisa na escola foi muito proveitosa, e serviu para contribuir com nosso conhecimento em saber como está ocorrendo o processo de inclusão nesses ambientes de ensino em áreas rurais, nos dias de hoje. Porém ainda assim, foi frustrante saber que há uma certa desvalorização com relação à prática inclusiva e estrutura acessível na escolar em áreas mais afastada do centro da cidade. Percebeu-se assim que esta escola não foi preparada nem em sua estrutura física nem em sua organização interna para receber tais alunos, é preciso que a escola se se modernize no sentido de melhorar sua estrutura e também vários outros aspectos como: materiais didáticos, condução adaptadas para alunos especiais, para realmente tornar-se inclusiva.

Contudo, a Educação Inclusiva em áreas rurais deve torna-se uma realidade precisa, que enfrente a luta e crie mecanismos que assegure as crianças com necessidades educacionais especiais aos seus direitos da cidadania, contribuindo assim com a aceitação dos mesmo no âmbito escolar, praticando um processo consciente e responsável de sua inclusão. Então, A luta de todos deve ser o foco, pela concretização dos direitos de cidadania a todos os educandos. Pôde-se perceber que para conseguirmos meio de garantir uma estrutura de qualidade para as escolas de áreas rurais é necessário tomarmos atenção de outras instituições educacionais, como

as universidades. Devemos primeiramente procurar apoio, nos aprimorar de mais conhecimentos diante os direitos de todos cidadãos à igualdade na educação.

As faculdades são intuições que estão sempre presentes nas escolas de áreas rurais, pois elas são referências para pesquisas, trabalhos, e conhecimento dos educandos. Como sabemos, as universidades fazem inúmeras atividades sociais, assim como doações, e trabalhar em torno de contribuir com essas escolas de comunidade rural, é contribuir com uma educação inclusiva fazer palestras, debates, impor, é o primeiro passo para se alcançar respostas. Antes de tudo, devemos colocar em questão, que as comunidades rurais, e principalmente a da nossa cidade (Parintins), é pequena, compõe-se de uma população reduzida, e por essa e outras questões muitos não conhecem a realidade das escolas localizadas nessas áreas, assim como os direitos a educação, e estrutura escolar de qualidade.

Pode-se perceber, que a falta de valorização e apoio dos órgãos públicos responsáveis pela educação é um comodismo movido somente pela política. Devemos quebrar essa barreira colocando em questão a participação coletiva e envolvimento de educandos e educadores, fazendo mobilização, e movimentos sociais que possam promover resultados desejados para que todos tenham a mesma oportunidade, de futuramente ser um profissional de qualidade. Sabemos que todas as conquistas diante os direitos educacionais, não é fácil, nada se conquistou muito rápido, todo direito foi criado partir de muita luta. Porém podemos perceber que por trás de cada vitória alcançada na luta hoje pela inclusão é composta por grandes movimentos, que tiveram participação e apoio de alunos e profissionais da educação, todos em um só objetivo. E assim se deve desenvolver, a luta pela prática de uma educação inclusiva em áreas rurais da nossa cidade, oferecendo uma estrutura escolar de qualidade como inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais.

Uma escola para ser considerada inclusiva necessita de espaços físico que possa dar acesso à todas as crianças sem qualquer segregação, restrição, e preconceito, deve ter uma equipe pedagógica preparada e especializada para atender a todos os alunos com necessidades educacionais especiais, deve oferecer áreas para aulas práticas, assim como laboratórios, e bibliotecas, oferecendo como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem de qualidade. Buscando praticar o que é de direito de todas as crianças, uma educação igualitária nas escolas, sem limitações é restrição por sua localidade, respeitando a necessidade de haver acessibilidade nas escolas que é garantido por lei.

Uma escola inclusiva, deve promover um sistema de educação inclusivo, onde as ações da corporação escolar devem ser colaborativas para o processo de adaptação de crianças com

necessidades especiais. Está prática não é uma responsabilidade apenas da gestão ou do corpo docente, mas de toda a comunidade escolar: aluno/professor, família/escola/comunidade. Atendendo às leis nacionais e políticas diante a escola, tornando um espaço de aprendizagem e também inclusiva. A escola tem como dever matricular todos os alunos, sem distinções, e deve oferecer condições estruturais e didáticas pedagógicas para todas as crianças.

Porém deve-se saber que a escola inclusiva não é feita por uma única metodologia a prática inclusiva é um processo gradativo, longo, e contínuo contudo deve ser também coletiva que exija uma profunda reformulação na realidade escolar, considerando em promover a igualdade de oportunidades a todos. Assim, uma escola inclusiva é definida quando garante o atendimento à diversidade, e é capaz de promover uma educação de alta qualidade a todas as crianças. Propondo a igualdade de oportunidades, o acesso, participação e ensino e aprendizagem de todos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, Rio de Janeiro, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 16537: Acessibilidade – Sinalização tátil no piso – Diretrizes para elaboração de projetos e instalação, Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. Lei nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012. **Institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana**, Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112587.htm. Acesso em: 10 dez. 2019.

BORGES, C. M. F. **Saberes docentes: diferentes tipologias e classificações de um campo de pesquisa**. In: Educação & Sociedade – Dossiê: Os saberes dos docentes e sua formação. Campinas, SP: Cedes, n.º 74, Ano XXII, abril/2001. P. 59-76

BENICINI Roberta. **Como atrair os pais para a escola**. In **Revista Nova Escola**. P.38. Ano XVIII, n.º 166, Outubro de 2003.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1977.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo**: notas para uma análise de percurso. Revista Trabalho, Educação, Saúde. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

CARVALHO, J. S.; LOPES, I. **Educação inclusiva**: reflexões sobre avanços e desafios. Revista Científica Educação, v. 4, n. 7, p. 825-834, 2020.

CARDOSO, F.H. **Política e desenvolvimento em sociedades dependentes**: Rio de Janeiro ed. 11 (1977).

CUNHA, M. I. d. (1988). **A prática pedagógica do “bom professor”**: influências na sua educação. (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: **Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.**

Declaração Mundial de Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem. **Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais, 1994, Salamanca (Espanha). Genebra: UNESCO, 1994.**

FERREIRO, Emília. **Viver mente e cérebro**. Emília Ferreiro: a construção do conhecimento. Coleção Memória da pedagogia. Rio de Janeiro: Ediouro. São Paulo: Segmento-Dueto. N .5, p 6-13, 2005

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. P. 22.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Fenomenologia e Psicologia**. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1984

FONSECA, V. **Educação Especial**. 2 ed. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1995.

GASKEL, G.; BAUER, M. W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 64-89.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207 p.

JANUZZI, G. **A Luta pela Educação do Deficiente Mental no Brasil**. 2 ed. Campinas, Editora Autores Associados, 1992.

JANNUZZI, P. M. **Avaliação de programas sociais no Brasil**: repensando práticas e metodologias das pesquisas avaliativas. Planejamento e Políticas Públicas. Brasília, DF, v. 36, p. 251-275, 2011^a.

LUCKE M. ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

LDB - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. BRASÍLIA: MEC, 1996.

MATOS, E.L.M, MUGIATTI, M.T.F. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando a educação e saúde.** 7 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAZZOTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil. História e políticas públicas.** São Paulo, SP: Cortez, 1996.

MIRANDA, R.G.; et al. **Método estruturado para o processo de planejamento da demanda nas organizações.** Congresso Internacional de Administração. ADM2011, Ponta Grossa – Brasil, 2011.

MOREIRA, M. A; MASINI, E. F. A. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel.** São Paulo: Moraes, 2 Edição – 2016 ”“ 4 Reimpressão, 112p. a

NEVES, V. F. A. **Tensões contemporâneas no processo de passagem da educação infantil para o ensino fundamental: um estudo de caso em Belo Horizonte.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

NETO, J. J. S. et al. **Uma escala para medir a infraestrutura escolar.** Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, v. 24, n. 54, p. 78-99, jan./abr. 2013.

REIS, Risolene Pereira. Relação família e escola: uma parceria que dá certo. Mundo Jovem: um jornal de ideias. P. 06. Ano XLV –n° 373 – Fevereiro de 2007.

RIBAS, J. B. C. O que são pessoas deficientes. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SASSAKI R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SANTANNA. Pedagogia Hospitalar: Uma modalidade de ensino em diferentes olhares. Disponível em: SEESP – Secretária de Educação Especial. Programa e Ações. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-especial-sp-598129159/programas-e-aco-es>. Acesso em: 25. Out. 2015.

SANTOS, A. M. M.; MARQUES, J. L. P. T.; NASCIMENTO, K. C. S. Educação inclusiva: avanços e desafios do Atendimento Educacional Especializado. Caderno De Graduação – Ciências Humanas E Sociais – UNIT., Sergipe, v. 4, n. 3, p. 153, 2018.

SANTOS, A. M. R.N. M; MARQUES, J. L. P. T.; NASCIMENTO, K. C. S. Educação inclusiva: avanços e desafios do atendimento educacional especializado. Caderno de Graduação – Ciências Humanas e Sociais – UNIT – SERGIPE, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 153, 2018.

SOARES, J. F. O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos. Revista Eletrônica Ibero-americana sobre Cálida, Eficácia y Cambio em Educação, v. 2, n. 2, p. 83-104, jul./dez. 2004.

VITOR Henrique. Estudo comparativo de custo-aluno nos diversos graus e modalidades de ensino. São Paulo: ATPCE : FCC, 1981. 263 p.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Inter saberes, 2014. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 531–534, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.11i2.0013. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8846>. Acesso em: 20 maio. 2022.

<http://biblioteca.unisantos.br:8181/bitstream/tede/169/1/Sandra%20Mara%20de%20Andrade.pdf>

<http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/13020-legislacao-de-educacao-especial>